

Realidade agrária e ideologia¹

Xico Graziano²
Zander Navarro³

Tem sido notável o desenvolvimento agropecuário do Brasil. Nos últimos 30 anos, a produção de grãos aumentou 238%, mas a área cultivada cresceu apenas 36%. A elevação da produtividade rural reduziu pela metade o custo da cesta básica, aliviando o bolso dos brasileiros. A agricultura se transformou, mas manteve seus produtores, o que foi uma façanha. Não houve concentração fundiária, tampouco devastação. Ainda estão preservados, cobertos com vegetação nativa, 61% do território nacional.

Esse sucesso deriva de intensos avanços tecnológicos, e de crédito, agroindústrias e cooperativismo pujantes, além de boas políticas públicas. Modernizado, o campo alimenta a população e exporta um terço do total produzido, assustando os concorrentes. Nossa agropecuária se tornou uma vitrine global. Certas vezes, todavia, teimam em desqualificar essa trajetória virtuosa. Manifestam opiniões negativas que, desafiando os fatos, invertem o raciocínio científico, enquadrando a realidade agrária às suas (obsoletas) teorizações. Desconhecem um dos setores mais dinâmicos da economia, menosprezando as mudanças sociais e culturais de nossa sociedade. Olham no retrovisor. De 1975 a 2010, a produtividade total no campo cresceu 3,74% ao ano, mais que o dobro do aumento dos norte-americanos. Já o elevado crescimento da pecuária, frequentemente acusada de “atra-

sada”, deveu-se, de 1950 a 2006, sobretudo ao aumento (79%) da produtividade, cabendo apenas 21% ao crescimento das pastagens. Sem o avanço tecnológico, seriam hoje necessários 525 milhões de hectares adicionais para atender à demanda por carne bovina, área maior do que o bioma amazônico.

Os críticos, estranhamente, optam pela cegueira. Não conseguem se desvencilhar do raciocínio típico da década de 1950, repetindo expressões conservadoras como “fixar o homem no campo” ou “sem reforma agrária não haverá justiça social”, como se as mudanças operadas fossem ficcionais. Tornaram-se arautos do reacionarismo. Urbanos, desconhecem que agricultor virou uma profissão cada vez mais desafiadora. Sem competência, diante dos incontáveis riscos – seca, pragas, doenças, mercados –, fracassam no equilíbrio da renda. Acabou o tempo da enxada na roça.

Surpreende a crítica retrógrada que resiste à realidade, supondo nossa agricultura como na época latifundiária. Sem a pujança do campo, com sua elástica oferta de alimentos e matérias-primas, a sociedade não teria se urbanizado; nem a economia teria progredido, perdendo-se em suas crises, incluindo a superinflação. O superávit agrícola paga as importações industriais. Os empregos gerados nas agroindústrias espalhadas pelo interior aquecem o comércio e

¹ Original recebido em 22/5/2012 e aprovado em 28/5/2012.

² Engenheiro-agrônomo, presidiu o Incra, foi deputado federal e Secretário do Meio Ambiente de São Paulo. E-mail: xicograziano@terra.com.br

³ Sociólogo, professor associado (aposentado) da UFRGS (Porto Alegre). E-mail: zander.navarro@embrapa.br

ajudam a criar a classe média que faz prosperar atualmente a nação.

Ao contrário daquilo que se imaginava, a reforma agrária teve pouca influência nesse desenvolvimento. Com a primavera democrática e a urbanização que tomou conta do mundo, além das profundas transformações produtivas, aquela política de Estado saiu de cena, pois seus pressupostos deixaram de existir. Por que então gastamos bilhões de reais com assentamentos que apenas reproduzem a miséria? Por que não investir em novas alternativas, baseadas na qua-

lificação e na sustentabilidade dos pequenos agricultores? É necessário e urgente animar um debate franco e aberto sobre as transformações do campo brasileiro – longe dos mitos e das falácias, apartidário, baseado na leitura real do desenvolvimento agrário, e não de ideias fora do lugar. É necessário discutir sem patrulhamento ideológico, e sem o academicismo livresco ou os saudosistas delírios urbanos. Discutida honestamente, constrói-se uma agenda do século 21 para a agropecuária, capaz de contribuir ainda mais para a prosperidade do Brasil.